

O gatekeeper: uma análise de caso na selecção de notícias (1) (*)

David Manning White

Foi o falecido Kurt Lewin, verdadeiramente um dos grandes cientistas sociais do nosso tempo que usou o termo *gatekeeper* aplicado a um fenómeno que tem importância considerável para os estudiosos das comunicações de massas. No seu último artigo (Lewin, 1947), antes da sua morte prematura, o Dr. Lewin salientou que a passagem de uma notícia por determinados canais de comunicação estava dependente do facto de certas áreas dentro dos canais funcionarem como *gates*. Levando a analogia ainda mais longe, Lewin afirmou que certos sectores dos *gates* são regidos ou por regras imparciais ou por um grupo «no poder» tomar a decisão de «deixar entrar» ou de «rejeitar».

Compreender o funcionamento do *gate*, ainda segundo Lewin, seria equivalente a compreender os factores que determinam as decisões dos *gatekeepers*, e sugeriu ainda que a primeira tarefa de diagnóstico é a descoberta dos verdadeiros *gatekeepers*.

A finalidade deste estudo é examinar de perto o modo como um dos *gatekeepers* dos complexos canais de comunicação controla o seu *gate*.

Wilbur Schramm fez uma observação fundamental para este estudo quando escreveu que «nenhum aspecto da comunicação é tão impressionante como o enorme número de escolhas e rejeições que têm de ser feitas entre a formação do símbolo na mente do comunicador e o aspecto de um símbolo afim na mente do receptor». (Schramm, 1944) Para dar um exemplo disto em termos de notícia, vamos considerar uma audiência do Senado com uma proposta de

(1) O autor agradece as sugestões do Dr. Wilbur Schramm durante a preparação deste artigo, bem como a assistência do Sr. Raymond F. Stewart.

(*) Reedição de: *Journalism Quarterly* (Vol. 27, N.º 4, 1950). «The Gatekeeper: A Case Study in the Selection of News», de David Manning White. Direitos de autor: Association for Education in Journalism and Mass Communication. Reedição com a aprovação do editor.

lei sobre a ajuda federal para a educação. Na audiência estarão presentes repórteres das várias agências noticiosas, correspondentes de Washington de jornais de grande tiragem que mantêm as redacções importantes na capital, bem como repórteres de jornais locais. Todos estes formam o primeiro *gate* no processo de comunicação. Eles têm de fazer o julgamento inicial se a «estória» é ou não «importante». Depois, é só ler as notícias de dois jornais cujas atitudes editoriais difiram grandemente no que diz respeito à ajuda federal para a educação, para perceber que os *gatekeepers* têm um papel importante desde o início do processo. O aparecimento da «estória» nos jornais de *Chicago Tribune* e *Sun-Times* pode bem mostrar algumas diferenças de tratamento. É evidente que o acontecimento físico presente da audiência do Senado (que poderíamos chamar *acontecimento-critério*) é relatado por dois repórteres com duas estruturas perceptuais diferentes e que os dois homens dão à «estória» quadros diferentes de experiências, atitudes e expectativas.

Assim, uma notícia é transmitida de um *gatekeeper* para outro na cadeia de comunicações. Do repórter para o responsável do *rewriting*, do chefe de secção para os redactores responsáveis pelos «assuntos de Estado» de várias associações de imprensa, o processo de escolha e de rejeição não pára. E, finalmente, chegamos ao nosso último *gatekeeper*, aquele que é objecto do nosso estudo. É o homem que é habitualmente conhecido como o redactor telegráfico do jornal não metropolitano. Ele tem a seu cargo a selecção das notícias nacionais e internacionais que aparecerão na primeira página e seu posterior desenvolvimento nas páginas interiores, bem como a sua composição.

O nosso *gatekeeper* anda por volta dos 40 anos de idade, que depois de, aproximadamente, 25 anos de experiência como jornalista (não só como repórter mas também como revisor) é agora o editor telegráfico de um matutino com uma tiragem aproximada de 30 000 exemplares numa cidade do Midwest de 100 000 habitantes altamente industrializada. Tem como tarefa fazer a selecção diária da avalanche fornecida telegraficamente pela Associated Press, pela United Press e pela International News Service, daquilo que 30 000 famílias irão ler na primeira página dos seus matutinos. Ele também faz a revisão e escreve os títulos para estes artigos. O seu trabalho é parecido com aquele que os jornalistas têm por todo o país em centenas de jornais não metropolitanos (?). E, em muitos aspectos, ele é o *gatekeeper* mais importante de todos, pois se rejeitar uma notícia, o trabalho de todos aqueles que o precederam, relatando-o e transmitindo-o, fica reduzido a zero. É óbvio que a notícia poderia ter «terminado» (no que diz respeito à sua transmissão subsequente) em qualquer dos *gates* anteriores. Mas partindo do princípio que o mesmo passou em todos eles, é óbvio que este redactor telegráfico defronta-se com um quadro extremamente complicado de decisões a tomar, tendo em conta o número limitado de notícias que pode utilizar.

O nosso objectivo neste estudo era determinar porque é que o editor telegráfico seleccionava ou rejeitava os artigos fornecidos pelas três agências noticiosas (e transmitidas pelo *gatekeeper* acima dele, em Chicago) e, assim, obter algumas noções acerca do papel genérico do *gatekeeper* nas áreas das comunicações de massas.

Para este fim obtivemos a total cooperação do «Mr. Gates», o editor telegráfico acima mencionado. Não era difícil descobrir aquilo que o «Mr. Gates» seleccionava do monte de

(?) A maioria dos cerca de 1780 diários deste país encontra-se, em grande parte, nas cidades mais pequenas e que não recebem as linhas telegráficas principais das agências noticiosas. A sua dependência numa única linha «estatal» que emana telegraficamente das cidades maiores coloca, assim, uma grande responsabilidade nas mãos do redactor telegráfico.

QUADRO I

Quantidade de notícias de agências noticiosas recebida e usada pelo «Mr. Gatekeeper»
por um período de sete dias

Categoria	Cópias telegráficas recebidas		Cópias telegráficas usadas	
	Pol. Col. (*)	% do Total	Pol. Col. (*)	% do Total
Crime	527	4.4	41	3.2
Desastres	405	3.4	44	3.4
Política				
Estatal	565	4.7	88	6.8
Nacional	1722	14.5	205	15.8
Interesse humano	4171	35.0	3012	3.2
Internacional				
Política	1804	15.1	176	13.6
Economia	405	3.4	59	4.5
Guerra	480	4.0	72	5.6
Trabalho	650	5.5	71	5.5
Nacional				
Agricultura	301	2.5	78	6.0
Economia	294	2.5	43	3.3
Educação	381	3.2	56	4.3
Ciência	205	1.7	63	4.9
Total	11 910	99.9	1297	100.1

(*) Cinco linhas de cópia telegráfica equivalem a uma polegada de coluna.

notícias, pois saía, todas as manhãs, na primeira página e nas páginas interiores do jornal. Na verdade, estamos mais preocupados com aquilo que não chegou a ser impresso no jornal. Assim, na semana de 6 a 13 de Fevereiro de 1949, o «Mr. Gates» aproveitou tudo aquilo que lhe veio parar à secretária. Em vez de atirar o despacho para o cesto dos papéis, uma vez que tinha decidido não o publicar, colocou-o numa caixa grande ao lado da secretária. Então, à uma hora, já com a composição das páginas feita e a noite de trabalho terminada, o «Mr. Gates» examinou todas as notícias «rejeitadas» que se encontravam dentro da caixa e escreveu em cada uma a razão que o levava, em princípio, a fazê-lo, pressupondo que se conseguia lembrar dela. Nos casos em que não lhe ocorreu nenhuma razão plausível, não escreveu nada. Apesar disto significar, para o nosso «Mr. Gates», que ele teria de ficar entre hora e meia a duas horas a mais todas as noites durante toda a semana, acedeu de boa vontade, nesta fase bastante aborrecida do projecto.

Depois de o «Mr. Gates» ter ponderado acerca das razões das escolhas feitas durante a semana, tentámos analisar a sua actuação em termos de certas questões básicas que se depararam. Estas questões aplicam-se não só a este *gatekeeper* mas, com algumas alterações, a todos os *gatekeepers* implicados no processo de comunicação. Assim, após determinar quais as notícias que tinham chegado durante a semana por telégrafo em termos de polegadas por coluna e categorias, medimos a quantidade de notícias via telégrafo que apareceram nos jornais desse período.

Pressupondo que cinco linhas de cópia telegráfica são equivalentes a uma polegada de coluna num jornal, o «Mr. Gates» recebeu, aproximadamente, 12 400 polegadas de notícias de agências noticiosas da AP, UP e INS durante a semana. De tudo isto, ele utilizou 1297 polegadas de coluna, ou seja, *um décimo*, nos sete números que utilizámos na medição. O quadro I mostra a discriminação, por categorias, das notícias que chegaram por telégrafo e as usadas durante a semana.

É somente quando analisamos as razões apresentadas pelo «Mr. Gates» para a rejeição de quase nove décimos das notícias (na sua procura do décimo para o qual ele tem espaço) que começamos a compreender como a comunicação de «notícias» é extremamente subjectiva e dependente de juízos de valor baseados na experiência, atitudes e expectativas do *gatekeeper*. Neste caso particular, os 56 enunciados apresentados podem ser divididos em duas categorias principais: (1) rejeição do incidente devido à sua pouca importância, e (2) selecção a partir de muitos relatos do mesmo acontecimento. (Ver quadro 2).

Assim, encontramos-lo a rejeitar uma notícia com a anotação «demasiado pró-comunista». Outro artigo relacionado com o Plano Townsend está marcado categoricamente «Nunca usar isto», e isto porque o nosso *gatekeeper* acha que os aspectos deste plano são muitíssimo duvidosos, o que dá poucas hipóteses de publicação. Dezoito cópias estavam marcadas «palha»; 16 «propaganda». Uma interessante anotação dizia «não interessam artigos de suicidas». Assim, podemos verificar que muitas das razões que o «Mr. Gates» apresenta para a rejeição das notícias caem na categoria de juízos de valor muito subjectivos.

A segunda categoria dá-nos uma pista importante quanto à dificuldade de fazer escolhas de umas notícias preterindo outras. Nada menos do que 168 vezes o «Mr. Gates» faz a anotação «sem espaço». Resumindo, a notícia (aos seus olhos) tem mérito e interesse, não faz quaisquer objecções pessoais, mas o espaço tem um valor superior. É interessante observar que quanto mais tarde no dia chegaram as notícias, maior era a proporção da anotação «sem espaço» ou «serviria». À medida que a noite avança, as páginas do editor telegráfico ficam

QUADRO 2

Razões para a rejeição de notícias de agências noticiosas apresentadas pelo «Mr. Gates» por um período de sete dias

Razão	N.º de vezes apresentada
Rejeição da notícia devido ao seu valor noticioso	423
Sem interesse (61); sem interesse aqui (43)	104
Mal escrita, aborrecida (51); demasiado vago (26); arrasta-se demasiado (3)	80
Não presta (31); lamecha (18); palha (18)	67
Já há demasiado sobre o assunto (54); gasto (4); passado – arrastado (*); muito batido; acontece a toda a hora; desactualizado	62
Trivial (29); ignoraria (21); não é preciso; espaço desperdiçado; pouco importante; pouco quente; pouco relevante;	55
Nunca usar isto (16); nunca usar (7)	23
Propaganda (16); demasiado pró-comunista; «queixas habituais»	18
Fora de causa (11); não interessam artigos de suicidas; demasiado sugestivo; de mau gosto	14
Seleção a partir de notícias do mesmo acontecimento	910
Serviria se houvesse espaço (221); sem espaço (168); bom – se houvesse espaço (154); tarde – gasto (61); demasiado tarde – sem espaço (34); sem espaço – foi usada outra agência noticiosa; usaria parte se houvesse espaço	640
Aprovado para um artigo posterior (61); à espera de mais informação (48); seguir de perto (33); ver no que isto dá (17); deixar passar um dia ou dois (11); o resultado final será usado – não isto; à espera de desenvolvimento ao fim do dia	172
Longe de mais (24); fora de âmbito (16)	40
Demasiado regional (36)	36
Foi usada outra agência noticiosa; Melhor artigo (11); artigo mais curto; tardio; <i>lead</i> mais interessante; dar um maior desenvolvimento	20
Foi manchete ontem	1
Falhei este	1

(*) Neste e noutros casos onde nenhum número se segue à razão, significa que a mesma só foi apresentada uma vez.

cada vez
página à
anotação
Outras ra
UP – isto
como «u
Ag
ona ou
páginas
quadro 3
páginas
o número
Du
grande c
vam mu
despach
usados
tratamen
ção de
Press, q
tratava
agências
julgame
correspo
Gates»
estariam
que o «
Cardina
particul
despach
ria». Ta
o artigo
A
indicaç
dos «de
Gateke
política
E
cinco p
Gateke
telegráf
«estória
À
na, pat
sabemo

cada vez mais preenchidas. Uma notícia que tenha boas hipóteses de aparecer na primeira página às 7.30 ou 8 horas da noite pode não merecer o resto do valioso espaço às 11 h. A anotação «serviria» é feita 221 vezes, e uma parecida «bom – se houvesse espaço» é feita 154. Outras razões que recaem na categoria mecânica são «usada a INS – mais curto» ou «usada a UP – isto é tardio». Mesmo até nesta categoria, encontramos juízos de valor subjectivos tais como «usada a AP – melhor artigo» ou «usada a INS – *lead* mais interessante».

Agora que temos algum conhecimento preliminar do modo como o «Mr. Gates» selecciona ou rejeita as notícias para a sua primeira página e subsequente desenvolvimento nas páginas interiores, será talvez interessante examinar a sua actuação num dia específico. No quadro 3 é apresentada a quantidade e o tipo de notícias que apareceram na primeira página e páginas interiores editadas pelo «Gates» para o dia 9 de Fevereiro de 1949. O quadro 4 mostra o número total de despachos (classificados em tipo de artigo) recebidos, mas não utilizados.

Durante esta semana, em particular, o julgamento do cardeal Mindzenty teve uma grande cobertura por parte dos jornais de todo o território e as agências noticiosas apresentavam muitos artigos a cobrirem todas as fases do caso. Assim, fazendo uma comparação dos despachos recebidos e das notícias que saíram, não deve ser de admirar que tenham sido mais usados aqueles que pertenciam à categoria de interesse humano. No entanto, mesmo no tratamento do caso Mindzenty, o «Mr. Gates» utilizou razões muito subjectivas na sua selecção de notícias. É particularmente interessante a sua observação num artigo da Associated Press, que ele rejeitou com o comentário «Passaria, faz propaganda a si próprio». A notícia tratava de uma declaração de Samuel Cardinal Stritch, que dizia: «É muito triste que as nossas agências noticiosas não forneçam as fontes de informação nas suas reportagens diárias do julgamento do cardeal Mindzenty. Deveria esclarecer-se que foram feitas restrições a alguns correspondentes americanos que estiveram presentes no julgamento.» É óbvio que o «Mr. Gates» ressentiu-se da inferência feita por Cardinal Stritch, de que as agências noticiosas não estariam a fazer tudo aquilo que podiam para contar a «estória» de Mindzenty. O comentário que o «Mr. Gates» pôs numa notícia da United Press relacionado com a declaração de Cardinal Stritch, «sem espaço – pura propaganda», ilustra a sua sensibilidade neste ponto particular. E quando a notícia chegou à sua atenção pela terceira vez nessa noite na forma de despacho da International News Service, rejeitou-a novamente, desta vez com o termo «passaria». Talvez que o seu sentimento de ira já tivesse passado nessa altura, mas continuou a achar o artigo sem interesse.

As notícias políticas gozaram do segundo maior papel. Aqui começamos a ter uma indicação de preferência, uma vez que estas tinham somente um quinto lugar no departamento dos «despachos recebidos». As notícias políticas parecem ser um dos temas favoritos do «Mr. Gatekeeper», pois mesmo se subtrairmos as quase dez polegadas dadas a uma «estória» de política local, obtêm facilmente um segundo lugar.

Enquanto foi recebido um total de 33 notícias sobre crime, só apareceu uma coluna de cinco polegadas sobre o tema na primeira página e páginas interiores do jornal do «Mr. Gatekeeper». A conclusão óbvia é que as notícias criminais não agradam ao nosso editor telegráfico. Mas deve ter-se em atenção o facto de naquele dia não ter havido nenhuma grande «estória» sobre o tema.

À medida que vamos analisando a actuação do «Mr. Gatekeeper» durante toda a semana, patente nas notícias que escolheu, tornam-se evidentes certos padrões. Por exemplo, o que sabemos acerca dos tipos de notícias que seleccionou preterindo outros da mesma categoria?

QUADRO 3

Polegadas (1) de coluna dedicadas ao teor das categorias da edição (*)
do dia 9 de Fevereiro de 1949

Categoria	1.ª Pág. e desenvolvimento nas interiores
Local	3.50
Crime	5.00
Desastre	9.75
Política	41.25
Local	9.75
Estatal	19.50
Nacional	12.00
Interesse humano	43.75 (+)
Internacional	23.00
Política	11.50
Economia	11.50
Guerra	-
Nacional	24.25
Trabalho	19.25
Agricultura	-
Economia	5.00
Educação	-
Ciência	6.00 (#)

(*) Não está incluída a manchete.

(+) Cerca de metade eram artigos acerca do cardeal Midzensky, os quais, devido ao apelo humanitário, foram classificados de «interesse humano».

(#) Não está incluída uma fotografia a três colunas.

(1) Polegada = 25,4 mm

Que crit
onde tin
preferiu
mas tam
consiste

No
claramen
todos os
agência
era este
no quad
«compo
Un
categoria
escolher

Catego
Local
Crime
Desast
Polític
Loc
Est
Nac
Inte
Intern
Polí
Eco
Gue
Nacion
Agr
Trab
Eco
Educaç
Ciênci
Total

Que critérios utilizou em relação ao assunto e ao estilo de escrita? Em quase todos os casos onde tinha escolha entre notícias de agências noticiosas concorrentes, o «Mr. Gatekeeper» preferiu os «conservadores». Utilizo esta expressão não só em termos da sua conotação política mas também em termos do estilo de escrita. O sensacionalismo e a insinuação parecem ser consistentemente evitados.

No que diz respeito à sua preferência do estilo de escrita, o «Mr. Gatekeeper» mostrou claramente que não gosta de notícias que contenham muitos números e estatísticas. Em quase todos os casos em que uma agência noticiosa apresentou algum com números e estatísticas e a agência concorrente apresentou outro sem a presença destes, sendo assim mais interpretativo, era este último que aparecia no jornal. Pode-se ver uma indicação dos seus padrões de escrita no quadro 2, onde 26 artigos foram rejeitados como sendo «demasiado vagos», 51 como «composição aborrecida» e 61 por serem «sem interesse».

Uma outra questão que deve ser tida em conta neste estudo (e subsequentes) é: será que a categoria de notícia entra realmente na escolha? Isto é, será que o redactor telegráfico tenta escolher um certo número de notícias sobre crime, interesse humano, etc.? Será que existem

QUADRO 4

Número de notícias da agência recebidas mas não utilizadas no dia 9 de Fevereiro de 1949

Categoria	Recebido antes da feitura da primeira página	Recebido depois da feitura da primeira página	N.º Total
Local	3		3
Crime	32	1	33
Desastre	15		15
Política			22
Local	1	2	
Estatal	10	2	
Nacional	6	1	
Interesse humano	65	14	79
Internacional			46
Política	19	5	
Economia	9	1	
Guerra	10	2	
Nacional			37
Agricultura	2		
Trabalho	13	1	
Economia	17	4	
Educação	3	2	5
Ciência	5	2	7
Total	210	37	247

outras divisões de assunto ou forma que ele escolhe deste modo, tal como um certo número de notícias de um só parágrafo?

Na medida em que este *gatekeeper* é representativo dos editores telegráficos como um todo, não parece existirem escolhas conscientes das notícias por categorias. Durante esta específica semana em análise, verificou-se uma ênfase dada às notícias de interesse humano, principalmente devido ao enorme impacto noticioso da «estória» sobre o cardeal Mindzenty. Seria extremamente importante e interessante descobrir o modo como um editor telegráfico determina que assunto ou que tipo de «estória» será «a» notícia da semana. Muitas vezes essa decisão é tomada pelos superiores ou pelos *gatekeepers* dos *media* concorrentes. Será que um redactor telegráfico pode recusar destacar uma notícia quando um seu congénere na estação de rádio local lhe está a dar o máximo destaque? De igual modo, será que um editor telegráfico pode minimizar uma «estória» quando vê que jornais concorrentes de áreas metropolitanas vizinhas vêm para a sua cidade e lhe dão destaque? Indubitavelmente que estes factores têm algo a ver na determinação da opinião do editor telegráfico, em relação àquilo que ele deve dar ao público leitor na manhã seguinte. Isto leva à conclusão óbvia de que, teoricamente, todos os padrões de gosto do editor telegráfico devem dirigir-se a um público que tem de ser servido e ficar satisfeito.

Subsequente à participação do «Mr. Gatekeeper» no projecto para determinar as «razões» de selecção e rejeição de notícias durante uma semana, foi-lhe, finalmente, pedido que considerasse quatro questões que nós lhe colocámos. As respostas a estas perguntas dizem-nos muito acerca do «Mr. Gatekeeper», especialmente por terem sido dadas sob a pressão de uma noite de trabalho.

Pergunta 1: *A categoria da notícia influencia a sua escolha das notícias?*

A categoria da notícia entra claramente no meu processo de escolha de «estórias». Uma notícia sobre crime incluirá uma advertência, do mesmo modo que um sobre um acidente. As notícias de interesse humano provocam compaixão e podem provocar vários tipos de comportamento. A notícia de economia é informativa para alguns leitores e não diz nada a outros. Não faço nenhuma tentativa para manter um equilíbrio rígido nestas selecções, mas procuro a variedade. A categoria da notícia sugere grupos que, em princípio, devem estar interessados num determinado artigo, isto é, professores, trabalhadores, profissões liberais, etc. As notícias do serviço telegráfico não conseguem manter um regime equilibrado e por isso também nós não o conseguimos. O mesmo pensamento aplica-se, em grande parte, na selecção de notícias breves, apesar de algumas serem reconhecidamente matéria para encher.

Pergunta 2: *Acha que tem alguns preconceitos que possam afectar a sua escolha de notícias?*

Tenho poucos preconceitos, interiorizados ou de qualquer outra espécie, e pouco posso fazer contra isso. Não gosto da política económica de Truman, da política de adiantar ou atrasar o relógio para poupar energia, cerveja quente, mas continuo a utilizar notícias sobre eles e sobre outros assuntos se achar que não há nada mais importante. Também sou preconceituoso em relação a uma minoria com quartel-general em Roma que procura a publicidade, e não os ajudo muito. No que diz respeito às preferências, prefiro as «estórias» de

interesse humano. As minhas outras preferências vão para as notícias bem compostas e talhadas para servir as nossas necessidades (ou adequadas às nossas políticas editoriais).

Pergunta 3: *Como define o público ao qual se destinam as notícias seleccionadas e qual é o seu conceito de leitor típico?*

Os nossos leitores são olhados como pessoas de inteligência média e com interesses e capacidades diversas. Estou consciente do facto de termos leitores com inteligência acima da média (existem quatro universidades na nossa região) e de outros com menos instrução. De qualquer modo, vejo-os como seres humanos e com interesses comuns. Acredito que todos têm direito a notícias que lhes agradem («estórias» que impliquem meditação e actividade) e que os informem do que se passa no mundo.

Pergunta 4: *Possui critérios específicos em relação ao assunto ou ao estilo de escrita que o ajudem a determinar a selecção de uma notícia em particular?*

Os únicos critérios relativos ao assunto ou ao estilo de escrita de que tenho consciência quando faço uma selecção dizem respeito à clareza, brevidade e ponto de vista. Mencionei anteriormente que certas notícias são *seleccionadas* pelos seus aspectos preventivo, moral ou ilativo, mas não me inclino a considerar estas razões como critérios de selecção. O trio de clareza é uma medida quase constante no julgamento de uma notícia em especial quando geralmente tenho três do mesmo género, AP, UP e INS. O tamanho é outro factor (ou critério) numa selecção. Aquele demasiado comprido é, geralmente, rejeitado, a não ser que possa ser encurtado para satisfazer os requisitos.

É um facto bem conhecido da psicologia individual que as pessoas tendem a ter como verdade somente aqueles *happenings* que se adaptam às suas próprias convicções relativamente ao que é provável acontecer. Começa a dar a sensação (partindo do princípio de que o «Mr. Gatekeeper» é representativo da sua classe) que, na sua posição de *gatekeeper*, o editor do jornal providencia (apesar de poder nunca estar consciente desse facto) para que a comunidade oiça como facto somente aqueles acontecimentos que o jornalista, como o representante da sua cultura, acredita serem verdade.

Esta é apenas uma análise de caso de um *gatekeeper*, mas que, tal como centenas de *gatekeepers* seus colegas, desempenha um papel muito importante como *gate* final no complexo processo da comunicação. Através do estudo das razões apresentadas para a rejeição de notícias das agências noticiosas, podemos verificar como a comunicação das «notícias» é subjectiva, como tem por base o conjunto de experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper*.